

MAIS UM ENFRENTAMENTO*

Este é mais um número da Revista Enfrentamento. Hoje, a situação do capitalismo marca uma época de intensificação do processo de exploração e de aprofundamento o caráter concentracionário da sociedade moderna. Uma situação marcada pelo aumento da exploração e da dominação, já que um solicita o outro. Assim, a autogestão social está na ordem do dia. Para muitos, esta afirmação seria precipitada, já que não se vislumbra nenhuma revolução proletária no mundo, a não ser nas experiências bastante limitadas em alguns países da América Latina.

Sem dúvida, isto é verdadeiro. Porém, mais verdadeiro ainda é a afirmação de Bourdieu, segundo a qual pesquisa de opinião pública não avisa a vinda de uma revolução. Também é verdadeiro que todas as grandes revoluções proletárias não foram previstas. A Comuna de Paris, A Revolução Russa de 1905, A Revolução Russa de 1917, A Revolução Alemã de 1919, entre diversas outras experiências, inclusive as mais recentes revoltas e rebeliões, além de tentativas de revolução, tal como no Maio de 1968 na França, As Lutas Operárias na Polônia em 1980; A Rebelião Argentina de 2002, A Comuna de Oaxaca no México ano passado. Nenhum destes eventos, mais radicais ou menos radicais, foi previsto. A previsão da revolução é obstaculizada não só pela aparente calma que esconde a insatisfação e o potencial revolucionário que olhos empiricistas jamais podem enxergar, como também por seu rebento surpreendente e extraordinário que deixam as pessoas de consciência coisificada totalmente atônitas, sem chão mental onde pisar.

Assim, a possibilidade de uma revolução autogestionária está dada. Porém, se tal possibilidade é tendencial e se é imediata, isto é outra questão. Sem dúvida, a autogestão social é uma tendência no interior da sociedade capitalista, e vai ficando cada vez mais forte, pois as condições para sua realização vão aumentando. O mundo de riquezas produzido hoje é suficiente para garantir a todos os seres humanos um bem-estar geral. Isto, somando-se ao fato de os desperdícios e parasitismo serão abolidos, então há tudo para vivermos numa sociedade igualitária e libertária num mundo de abundância. Os gastos enormes com indústria bélica, consumo supérfluo

* Editorial da Revista Enfrentamento – n° 02, jan./jul. 2007

e inútil, grandes obras sem utilidade real a não ser a ostentação de uma burguesia coisificada, seriam abandonados e as energias desperdiçadas neste processo passariam a servir as necessidades humanas autênticas.

A revolução é uma possibilidade imediata? Sim, há esta possibilidade. A autogestão pode ser um processo que se desencadeará amanhã, daqui um ano, dez anos, 50 anos, ou um tempo mais longo. O que irá definir isso são as lutas de classes. Assim, o processo histórico é marcado por inúmeras forças, tais como grandes empresas, meios de comunicação, partidos, sindicatos, associações, grupos informais, grupos políticos, ideologias, teorias, ideias, indivíduos, que estão como num jogo complexo no qual existem milhares de jogadores, alguns com maior poder, outros com maior quantidade, e milhões de jogadores indecisos. No jogo da luta de classes, alguns jogadores, os dominantes, manipulam, cooptam, dominam, exploram. Outros auxiliam neste processo, se vendendo e se destruindo seja por migalhas ou por uma fatia considerável do bolo do mais-valor global. Alguns resistem e lutam heroicamente contra tudo isto e a maioria sofre o drama da indecisão e da falta de iniciativa. Assim, todos estão envolvidos e neste intrincado jogo, todo indivíduo, ideia, ação, reflexão, apontam para uma ou outra tendência. Desta forma, qualquer iniciativa a favor da autogestão social é um passo para sua concretização, aumentando a tendência de sua realização. A Revista Enfrentamento faz parte deste jogo e o seu lado é bem claro. Da mesma forma, os textos aqui presentes expressam esta opção pela Revolução Autogestionária. Este é mais um enfrentamento, mais um deslocamento no espaço para que a ventania autogestionária possa varrer o mundo da miséria (sob todas as suas formas), da exploração e dominação, instaurando um mundo verdadeiramente humano.